

Documento

O leitor, onde está o leitor? ou a crise da escassez e do excesso

Affonso Romano de Sant'Anna¹

Os editores brasileiros revelam que estão publicando livros “demais”. Isto é uma verdade ou um mal-entendido? Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, disse que publica 280 títulos por ano e que “não dá para crescer mais com obras de mercado, até porque o mercado está muito competitivo [...]. Há editoras que hoje não conseguem entrar em redes de livrarias com um exemplar de algum título. Há uma superprodução. De livros, escritores, editores, um grande número de editoras surgindo.”

Sérgio Machado, da editora Record, informa que, em 2010, o Brasil editou 55 mil títulos, numa média de 210 obras por dia. Só a editora Record coloca no mercado 80 títulos por mês. Seu proprietário revela que tem dois milhões de livros em galpões que lhe custam um valor alto².

Há uma crise no ar. Uma crise paradoxal. De excesso e de carência. Excesso de livros ou carência de leitores? Assim como um copo com metade de água pode ser visto como um espaço metade cheio ou metade vazio, permitam-me examinar a questão por outro ângulo, fazendo uma correção: o Brasil não produz livros “demais”, o Brasil produz leitores de menos. Há que “produzir” o leitor. E não estou falando de alfabetização. Essa cadeia do livro não existe sem o destinatário: o leitor. Não há excesso de livros, há falta de bibliotecas, de livrarias e de leitores. Há, por outro lado, centenas de iniciativas governamentais e particulares tentando corrigir isto. Todos, não só os editores, temos que modificar o conceito de livro, livraria, biblioteca, leitor e leitura, pois na verdade todo esse sistema em torno do livro está em crise (ou metamorfose).

Mas que crise é essa? Quantas crises dentro desta crise?

Crise editorial

1.

Atualmente, os editores estão disputando um mercado de eleitos, um mercado mínimo de consumidores. Ninguém sabe quantos são. Há quem ache que leitores de livro no país não cheguem a 20 milhões. Se fossem 30 milhões, seria igualmente vergonhosa a existência de tão poucos leitores. E mais: um lastimável desperdício econômico e cultural. E os outros 170 ou 180 milhões, onde estão? Estão anestesiados pela sociedade do espetáculo?

¹Autor dos recentes *Ler o mundo* (Global, 2011) e *Sísifo desce a montanha* (Rocco, 2011), ex-presidente da Fundação Biblioteca Nacional, em cuja gestão foram criados o Sistema Nacional de Bibliotecas e o Proler.

² Por e-mail, observou o prof. Ricardo Oiticica que há uma imprecisão nesses números: ou são 76.650 mil títulos por ano (respeitando o dado de 210 obras por dia); ou 150,68 obras por dia (respeitando o dado de 55 mil títulos por ano).

2.

Segundo a Fundação Getúlio Vargas, as classes A e B constituem 11% do país. Será que essas classes consomem realmente bens culturais como o livro, teatro, museus etc.? Diz o vice-presidente do IBOPE, Nelson Marangoni, que “ o Mercado de luxo tem previsão de crescimento de 30% no próximo ano (2012) e isto é uma oportunidade dentro das classes A e B e não da C³”. Há aí duas coisas que nos inquietam: 1) esse crescimento dos mais ricos se reflete em número maior de leitores e consumo de livros? 2) Por que a classe C emergente não aparece como consumidora de bens culturais?

³ Revista da ESPM, julho/agosto de 2011. Entrevista de Nelson Marangoni a Francisco Gracioso.

Por outro lado, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) informa que, em 2009, “foram lançados 52 mil livros convencionais e vendidos 386 mil exemplares”⁴. Imagina-se que os livros comprados pelo governo estejam fora dessa lista. Donde se deduz que 386 mil exemplares não são nada em relação aos 20 milhões de pessoas das classes A e B (sem contar os de outras classes que eventualmente compram livros).

⁴ *Panorama Editorial*, n.º 60. Câmara Brasileira do Livro: 2011.

3.

As estatísticas sobre leitura no Brasil variam muito. A Câmara Brasileira do Livro (CBL) considera que “o brasileiro lê, por ano, 4.7 livros. Mas se contarmos somente livros lidos espontaneamente, o número cai para 1,3 por habitante”⁵. Portanto, se o brasileiro lê 4.2 livros por ano e se em 2009 foram vendidos 386 mil exemplares, conclui-se que apenas cerca de 100 mil pessoas são leitoras. Na outra opção estatística, cerca de 386 mil indivíduos seriam leitores. Ou seja, as editoras estariam disputando cerca de 386 mil pessoas (1,3 livros por pessoa), numa população de quase 200 milhões de habitantes.

⁵ *Idem*, p. 37/38.

4.

Dizem as estatísticas que as editoras produziram, em 2010, 23% mais livros que em 2009. Mas a perplexidade continua: tirante os *bestsellers*, que têm uma dinâmica específica, as edições dos livros “normais” continuam em torno de 2 a 3 mil exemplares. Se lembrarmos que quando o país tinha 30 milhões de habitantes (lá por 1920) as edições eram de 500 exemplares, veremos que há algo errado no nosso “progresso”. Naquele tempo cerca de 60% da população era de analfabetos, hoje diz-se que são 9%. Façam a conta com os quase 200 milhões de habitantes hoje. Portanto, há algo errado não apenas com a produção de livros mas com a “produção” de leitores.

5.

A indústria editorial tem duas características:

a) disputa um reduzidíssimo mercado de leitores;

b) algumas editoras vivem em grande parte de vender para o governo. Isto não é necessariamente ruim. Sempre se diz que nos países mais desenvolvidos as bibliotecas públicas são grandes compradoras de livros;

c) recentemente, no entanto, grupos multinacionais adquiriram editoras brasileiras e lançam aqui autores e títulos estrangeiros que competem e/ou reprimem o consumo de autores nacionais. Não se trata de ser contra ou a favor, apenas se constata. É o preço da globalização. E o Brasil, grande exportador em outras áreas, é um grande importador de obras estrangeiras. Basta ver as listas dos mais vendidos hoje comparada com a de algumas décadas atrás e como os cadernos culturais abrem largos espaços para autores estrangeiros;

d) nossos editores e agentes literários, em geral, vão a Frankfurt e outras feiras para comprar, não para vender. Será que nossa literatura é tão precária que não é competitiva?

e) A CBL informa que, na 62ª Feira de Frankfurt, foram vendidos US 1.060 milhão em direitos autorais. Ótimo. Mas, quando se vai a qualquer grande livraria europeia, não há livro brasileiro. Em geral, só Jorge Amado traduzido em espanhol e na estante de autores latino-americanos. Quando, em Paris, se pergunta aos livreiros da “*Ecume des pages*” e “*La Hune*” sobre a ausência de uma prateleira de autores brasileiros, eles alegam que não há um número suficiente de autores brasileiros.

6.

Estatísticas recentes da Câmara Brasileira do Livro dizem que o número de livros vendidos no país aumentou 13,12%. Ótimo. Mas isto se insere neste contexto de disputa do mesmo público leitor. Começa agora uma luta pela conquista da classe C. Isto levanta outra questão: que tipo de livro está sendo vendido? O que é o “fast reading” (tipo sanduíche, “fast food”) e o que é livro com importância modificadora para a cultura? Diz Nelson Marangoni, vice-presidente do IBOPE, na citada entrevista, considerando a ascensão da classe C, que está havendo mobilidade financeira, não mobilidade social. Ou se poderia dizer de outro modo: as pessoas entram na sociedade de consumo e são consumidas como objeto.

7.

Há algum tempo li que o mercado do livro movimentou R\$ 4,2 bilhões em 2009. Maravilha! Mas é curioso que este era então o montante da indústria de cerveja. É intrigante que se veja tanto anúncio de cerveja e

quase não se veja anúncio de livro. Claro, o governo não compra cerveja, mas compra livro. E isto, se é uma solução para alguns editores, só é um elemento complicador na relação paternalista de nossa tradição.

8.

No esforço para reverter a síndrome da importação cultural indiscriminada, o governo federal, através da Fundação Biblioteca Nacional, criou, na administração de 1990/1996, o programa de bolsas de tradução de obras brasileiras, trazendo ao Brasil agentes literários estrangeiros e diretores de suplementos literários dos principais jornais do mundo para divulgar nossa literatura; a Biblioteca Nacional começou a participar e organizar feiras internacionais de livros e a dar suporte a uma política nacional do livro, da biblioteca e da leitura⁶.

Mas isto não é suficiente; tem que ser ampliado e melhorado.

⁶Ver do autor deste ensaio: *Ler o Mundo*. São Paulo: Global, 2011.

Crise nas livrarias

1.

O censo da Associação Nacional de Livrarias diz que em 2009 havia 2.980 livrarias no país, ou seja, uma livraria para cada 64.255 habitantes. Segundo a UNESCO, deveria haver uma livraria para cada 10 mil habitantes. Façam a conta e vejam nosso débito. As livrarias, a exemplo das megalivrarias, continuam concentradas nos bairros mais prósperos das grandes cidades. Os subúrbios e a maioria das cidades brasileiras não conhecem esse comércio. Em 25 de novembro de 2006, o jornal *O Estado de S. Paulo* informava que, segundo o IBGE, 69,07 das cidades não têm livraria e que os outros 30% têm livrarias misturadas com papelaria.

2.

Paradoxalmente quem entra em uma das raras livrarias hoje se escandaliza com a enorme quantidade de títulos que se revezam nas estantes, livros que surgem e morrem rapidamente. Diz-se que hoje o tempo de vida útil de um livro é de três meses. Se não vendeu, desaparece. Algumas editoras até pagam ou fazem alguma forma de barganha para ter seus livros expostos em lugares privilegiados nas livrarias.

3.

O chamado “excesso” (e/ou “rotatividade”) de livros faz com que os funcionários das livrarias não consigam informar com segurança o que há nas estantes, nos estoques ou o que está esgotado. Muitos livros procurados

estão no imponderável “estoque” ou, às vezes, nem aparecem na tela do computador. O editor José Mario Pereira já relatou como isto ocorre⁷.

4.

Com isto, os “sebos” e “estantes virtuais” passaram a ser o lugar para se encontrar obras mais duradouras e ganharam maior espaço com a internet.

5.

Com a ascensão da classe C e devido à inexistência de livrarias na maioria das cidades, a venda dos livros porta a porta aumentou. Informa a Associação Brasileira de Difusão de Livros que, em 2010, os editores desse setor faturaram R\$ 1,2 bilhões de reais e que só a editora Escala vende por mês 350 mil livros. A média de preço das coleções é de R\$ 122,74. A Avon (empresa de cosméticos e neste negócio há 18 anos) tem 1,1 milhão de revendedoras, liderando assim o mercado.

A questão que se levanta: que tipo de livro predomina nesse mercado?

Crise no ensino

1.

Nos anos 1960 a reforma de ensino introduziu o sistema de créditos, seguindo modelo americano, e acabaram, por exemplo, os cursos de línguas neolatinas, anglo-germânicas e clássicas. Um aluno de neolatinas antes estudava a literatura e a língua francesa, a espanhola, a hispano-americana, a portuguesa, a brasileira e a italiana. Escrevia trabalhos nessas línguas. Com a reforma que imitava o sistema americano, ao invés de o aluno estudar várias literaturas e escrever trabalhos em várias línguas, passou a se “especializar” só em português e em outra língua e literatura.

2.

Concomitantemente, também nos anos 1960, no Ensino Médio se substituiu o português e a literatura pela “comunicação e expressão”. Iniciou-se um processo de desprestígio da leitura e da literatura. Contaminados pela ideologia da “comunicação”, que entrou na moda nesta época, chegou-se a eliminar a palavra “literatura” dos currículos. Como mostrou Luis Augusto Fischer em ensaio recente, estuda-se letra de música no lugar de poesia, e mais recorte de jornal e história em quadrinho que romance.

⁷ “Depois que inventaram o computador, as livrarias nem sempre compram os lançamentos mas ficham tudo que está sendo publicado. Usam os cadernos literários para fazer o registro das novidades no computador. Então é comum acontecer o seguinte: o cliente passa numa livraria e pede um exemplar, por exemplo, de *Curral de peixes*: “O vendedor vai ao computador, digita o nome do autor, e em segundos tem as informações necessárias. O cliente quer o livro, mas aí o balconista diz que acabou de vender o último, e pergunta: “Quer esse livro para quando? Se mandar buscar amanhã, eu arranjo”. O cliente faz a encomenda, e só então esse funcionário telefona para a editora, ou passa um e-mail: “Mandar urgente. Se não for entregue em 24 horas, considerar anulado o pedido”. Ou seja, só nos pedem o livro com comprador certo”. Mesa redonda “A situação do livro no Brasil”, 21.11.2001 na Academia Brasileira de Letras.

Daí que Jim Davis (do Garfield) e Bob Thaves (da tira “Frank e Ernest”) apareçam mais que Graciliano Ramos e João Cabral⁸.

3.

Ao lado disto, criou-se o “vestibular unificado”; e uma massificação do ensino, que se generalizou a partir dos anos 1970, teve duas consequências. 1) Aumentou enormemente o número de alunos na universidade. 2) O vestibular unificado acabou elegendo a “múltipla escolha” com o consequente desprestígio da leitura e da redação. Isto contribuiu para que o nível dos estudantes ficasse mais baixo⁹.

Crise do escritor

1.

Houve, sim, um aumento do número de escritores nas últimas décadas, pois a sociedade da comunicação facilita a publicação. Todos querem ser lidos e vistos.

2.

A partir dos anos 1970 surgiu uma geração de escritores viajantes que percorrem todo o país indo ao encontro do público. Diferenciam-se das gerações anteriores, mais sedentárias, nas quais os escritores eram sobretudo funcionários públicos localizados no Rio de Janeiro, e que se encontravam à tarde no Amarelinho ou na “porta da livraria” (José Olympio, São José etc.).

3.

Há uma ligação entre os cursos de criação literária aqui e ali e o aumento do número de escritores. Às experiências feitas nos anos 1960 e 1970 na UnB, na UFRJ e na PUC/Rio sucederam cursos e oficinas já fora da universidade. Surgiram, ainda que timidamente, as bolsas para os escritores na tentativa de profissionalizá-los. Mas as livrarias não cresceram proporcionalmente e as bibliotecas muito pouco.

4.

Nessa crise (que é de todo sistema em torno do livro), o autor está muito desconfortável. Como ele passa grande tempo elaborando um livro, se o livro não dá certo ele é o primeiro a ser prejudicado. Lá se vão três, cinco ou mais anos de trabalho pelo ralo. Já o editor, como lançou dezenas

⁸ Em 2002, correu pela internet um manifesto de professores “contra a exclusão da literatura no Ensino Médio” no Rio de Janeiro. Na ocasião, escrevi uma crônica (“Acabar com a literatura?”) que está em *Ler o mundo*, já citado.

⁹ *Ler Como se faz a indústria do vestibular*, de Sonia Guimarães – Vozes, 1984, p. 13: “no período 1964-68 cresceu em 120% o número de inscritos nos exames vestibulares, taxa muito superior ao aumento do número de vagas oferecidas nesse mesmo período, que foi de 56%. Criou-se então o impasse e, com ele, o drama dos excedentes que cresceram 212% entre 64 e 68, 125 mil alunos, em todo o país, que passaram não conseguiram entrar na universidade por falta de vagas”.

de livros, vai se safar, se compensar com os outros. Se o livreiro não vende um livro, vende outros. Não é assim com o autor.

Crise das bibliotecas

1.

Nos anos 1990, a Fundação Biblioteca Nacional constatou que havia cerca de 3.000 municípios sem biblioteca. Foi lançada na ocasião a campanha “uma biblioteca em cada município”. Somente 15 quinze anos depois, com Gilberto Gil/Juca Ferreira no Ministério da Cultura, se conseguiu implantar uma biblioteca em cada município (excetuando uma meia dúzia de prefeitos que acham que biblioteca é dispensável¹⁰).

Dispensa lembrar que países mais desenvolvidos têm bibliotecas não apenas no centro das cidades mas também nos bairros.

2.

Criou-se nos anos 1990 o Sistema Nacional de Bibliotecas (SNB) realizando encontros e seminários nacionais, estaduais e municipais na tentativa de mudar a mentalidade das bibliotecárias e bibliotecários. Na sociedade informatizada a biblioteca e seu funcionário teriam outro papel: servidor de informação e não apenas catalogador ou guardião de livros.

A Fundação da Biblioteca Nacional nos anos 1990, tendo criado o SNB, fez uma aproximação com as bibliotecas universitárias, reuniões com o Conselho de Reitores, tentando dar organicidade a cerca de 900 bibliotecas universitárias, abrindo-as também ao grande público.

3.

As bibliotecas escolares constituem, por sua vez, um problema. De acordo com o Ministério da Educação, “68% das escolas públicas do país não possuem bibliotecas, evidenciando a dimensão do desafio para cumprir o que determina a Lei Federal 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização em até dez anos, das bibliotecas nas instituições de ensino públicas e privadas do país”¹¹.

Crise do livro

Crise que pode se entendida como metamorfose. Ao contrário do que os mais alarmados pensam, o livro não vai deixar de existir, apenas está assumindo outras formas, outros suportes. O livro de papel continuará a ter sua função, como aliás já o demonstraram Umberto Eco e Jean-Claude Carrière¹².

¹⁰ Ver em *Ler o mundo*: “Bibliotecas, alguns prefeitos são contra”.

¹¹ A leitura literária na Escola Pública Potiguar- IDE- Natal, 2011, p. 21

¹² Entre tantos que escreveram sobre isto, destaque-se o livro de Umberto Eco e Carrière- *Não contem com o fim do livro* – Rio: Record, 2010.

Por outro lado, discutir a “crise do livro” sem considerar todos os setores já aqui referidos é marchar para uma solução equivocada do problema. Estamos tratando desta questão em todo este ensaio.

Crise, leitura e o pré-sal

1.

Urge uma outra compreensão, não apenas do livro, da livraria, da biblioteca e do editor, mas sobretudo do que é leitura, do que é o leitor.

2.

Leitura não se limita à “alfabetização”.

3.

Leitura não se limita à escola: trata-se de formar uma sociedade leitora, condição *sine qua non* para o país enfrentar os desafios do século XXI.

4.

Por isso, é urgente uma POLÍTICA NACIONAL DE LEITURA que atravessasse não só todos os ministérios, mas seja uma determinação da Presidência da República. Como se poderia dizer: LEITURA é uma questão de segurança nacional¹³.

5.

Considerada a leitura como algo além da escola, algo além da alfabetização, algo que vai lidar com o “analfabetismo funcional” e com o “analfabetismo tecnológico”, haverá (como já começa a haver) programas de leitura em hospitais, quartéis, fábricas, sindicatos, empresas, tribos indígenas, igrejas, condomínios, acampamentos agrários, comunidades quilombolas, favelas, programas para aposentados e programa para cegos, surdos, mudos e outros portadores de necessidades especiais etc.¹⁴

6.

Nos últimos anos, “agentes de leitura” e “mediadores de leitura” se espalharam pelo Brasil. A experiência positiva dos agentes de leitura no Ceará foi levada para o Ministério da Cultura e expande-se em vários estados. No Acre, foram criadas mais de cem Casas da Leitura interagindo com uma nova maneira de ler a cultura e a natureza. Os agentes ou mediadores de leitura devem chegar a 15 mil brevemente e têm sido treinados por instituições como a Cátedra de Leitura da PUC/RJ. O ideal é que se mesquem com os “agentes de saúde” e os “médicos de família”.

7.

Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 65-80, 2012.

¹³ Ver anexo.

¹⁴ Em 17 de março de 2009, por exemplo, Cleide Soares, do Ministério de Desenvolvimento Agrário, informava por carta: “Ficamos muito gratas pela lembrança do Programa Arca das Letras [...]. Esta semana estamos levando mais bibliotecas a áreas rurais, indígenas e quilombolas de Sergipe (40), Pernambuco (13), Ceará (16) e Mato Grosso (8). 77 novas comunidades terão acesso à leitura e isso nos agrada bastante [...]. Já são mais de 13 mil agentes de leitura atuando no meio rural”.

Nessa redescoberta da leitura, e ampliando a abrangência do Instituto Nacional do Livro, espera-se a criação do Instituto do Livro, da Leitura e da Biblioteca e a nova administração da Fundação Biblioteca Nacional planeja construir 25 mil bibliotecas populares com livro de qualidade a R\$ 10,00.

8.

Enfim, a leitura é o verdadeiro pré-sal. O petróleo em si não resolve os problemas básicos de um país. Há países que têm petróleo e têm terríveis desigualdades sociais e opressão política. Há países que não têm petróleo e estão na ponta do processo civilizatório. E todos os países que realmente se desenvolveram passaram pela leitura. A leitura torna os livros vivos e desenvolve os países.

Leitura: equívocos e acertos

É recente a emergência da LEITURA e do LEITOR no panorama brasileiro. O LEITOR e a LEITURA até há pouco foram elos invisíveis, não falados, diria até reprimidos ou esquecidos dentro de um sistema que parece pouco sistêmico.

Cito casos sintomáticos de como nossa elite vê a questão da leitura:

* Edson Nery da Fonseca, conhecido bibliotecário, narra que, nos anos 1950, ao questionar Lúcio Costa porque não havia projetado uma biblioteca pública para Brasília, ouviu a seguinte resposta: “Esse negócio de biblioteca pública nunca deu certo no Brasil”¹⁵.

* Quando apresentei publicamente os projetos de leitura da Fundação Biblioteca Nacional, nos anos 1990, numa reunião do MINC, ouvi do ministro Antonio Houaiss esta frase: “leitura não é um assunto prioritário no meu ministério”.

* Após ouvir uma conferência de Eliana Yunes – uma das maiores especialistas em leitura no país –, um editor e alto dirigente da Câmara Brasileira do Livro me disse: “quando mais ouço a Eliana menos entendo o que ela quer”.

* Não estranha que o ex-ministro Weffort (ex-genro de Paulo Freire), secundado por Eduardo Portela, tenha sabotado o Proler e os projetos de leitura em curso no país (1996) e que somente 10 anos depois (em 2006), na administração Lula/Gil/Juca Ferreira, a leitura voltasse a ser prioritária¹⁶.

Contrastando com esse tipo de incompreensão, a reação de pessoas

¹⁵ “ Brasília foi outra oportunidade perdida pela biblioteconomia brasileira para afirmar-se como força social. Na memória do Plano Piloto, Lúcio Costa fala vagamente de uma biblioteca no setor cultural da cidade. Perguntei uma vez ao genial urbanista e arquiteto por que as unidades de vizinhança tinham tudo – escolas, clubes, igrejas, ruas de comércio local, cinemas, bancas de revistas, postos de gasolina, supermercados – menos bibliotecas. Ele me confessou que se esquecera (sic), ‘porque esse negócio de biblioteca popular nunca funcionou no Brasil’. – “ in *Acertos e desacertos da biblioteconomia no Brasil* – Recife: Flamboyant, 1993.

¹⁶ Sobre isso, para mais detalhes, ver meu depoimento em *Ler o Mundo*.

do povo é mais sábia. Há centenas, milhares de exemplos. Só o projeto Viva Leitura, patrocinado pela Organização dos Estados Iberoamericanos e a Fundação Santilhana, listou cerca de 10 mil projetos, dos quais destaco três: 1. Luiz Amorim, dono de um açougue em Brasília, decidiu fazer dentro de seu estabelecimento uma biblioteca. Chegou a ser condenado pela Saúde Pública. Resistiu. Hoje seu projeto cresceu, a população da cidade participa do que se transformou num grande centro cultural. Além de expandir seu negócio começou a pôr bibliotecas nos pontos de ônibus. 2. Em Sabará, Marco Túlio Damasceno criou a Borrachoteca dentro da borracharia que era de seu pai e já tem três filiais. 3. No Complexo do Alemão (Rio), enquanto zuniam as balas entre os traficantes e a polícia, Otávio Santanna, que já era um agente de leitura e tinha uma biblioteca móvel, começou projetos para construir uma Barracoteca.

Quem quiser ir mais fundo neste assunto basta ver como funcionam os milhares de projetos de leitura em todo o país.

Leitura: descoberta recente

A evolução semântica e social da questão do livro no Brasil passou por algumas fases bem sintomáticas no último século:

1. Em 1918, com a experiência da edição popular do “Sacy”, Monteiro Lobato, colaborando com o jornal *O Estado de S. Paulo*, cria a indústria editorial brasileira. Até então os livros eram publicados por editoras estrangeiras (Garnier e Lammert) e atendiam a 30 pontos de venda. As edições eram de 500 exemplares. Lobato levou o livro a todo o país e chegou a vender 11.500 exemplares de um único livro em um ano¹⁷.

2. Em 1935 Rubem Borba de Moraes reinventa a biblioteca pública ao estruturar a biblioteca municipal de São Paulo, criando (com Mário de Andrade) novas seções abertas à cultura popular. Descentraliza ações programando 10 bibliotecas nos diversos bairros, além de bibliotecas móveis¹⁸.

3. Em 1937, o governo federal cria o Instituto Nacional do Livro (INL), dirigido por Augusto Meyer, com colaboração de Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, com o objetivo de fazer uma enciclopédia brasileira. Posteriormente, o INL começou a fazer coedições de livros que eram mandados para bibliotecas públicas¹⁹.

4. Em 1961, Paulo Freire (Diretor do Departamento de Educação no Recife) põe em prática seu método de alfabetização “Método Paulo Freire”, ensinando plantadores de cana a ler em 45 dias. Essa experiência de “ler o mundo” foi interrompida pelo golpe de 64. Entre 1989 e 1991, Paulo Freire foi Secretário de Educação de São Paulo e criou o programa de “Educação de Jovens e Adultos”.

¹⁷ Ver anexo 2.

¹⁸ Borba de Moraes em *Testemunha ocular* – Brasília: Briquet de Lemos, 2010, diz, na p. 218: “A leitura seria feita e os estudantes seriam atendidos nos bairros, onde existiriam, para começar, dez bibliotecas localizadas de acordo com a densidade de população”.

¹⁹ Quando assumi a Fundação da Biblioteca Nacional (1990), encontrei em Brasília 200 mil exemplares do INL encalhados, que distribuí imediatamente para as bibliotecas.

5. Em torno de 1980, a universidade redescobre a leitura. Em 1981 surge a Associação Brasileira de Leitura do Brasil (ALB) e o Congresso de Leitura (COLE) (através de Ezequiel Theodoro). Cria-se a “Jornada Nacional de Literatura” (Universidade de Passo Fundo), coordenada pela profa. Tânia Rosing. A “teoria da recepção”, criada na Alemanha por Wolfgang Iser e Hans R. Jauss, datada de anos antes, chega ao Brasil, criando um interesse acadêmico pelo receptor/leitor. Mas se restringe aos intramuros universitários.

6. A criação do PROLER (1992), coordenado por Eliana Yunes e Francisco Gregório Filho, dentro da Fundação Biblioteca Nacional, é o início de uma “política do livro e da leitura”. A leitura vira uma questão de estado. Já não se trata apenas de editar livros, já não se trata da alfabetização ou de uma visão acadêmica da leitura. A palavra leitura/leitor se amplia, desentranha-se do livro, da biblioteca, da alfabetização, da universidade e ganha amplitude social. Com a criação da Cátedra da Leitura PUC/UNESCO (2006), a universidade leva socialmente para fora de seus muros a questão da leitura.

7. Por outro lado, em 2006, o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) aparece formatado com José Castilho. Une sociedade civil e o governo, começa articular a criação de um Instituto do Livro, da Leitura e das Bibliotecas. O Ministério da Cultura, por outro lado, propõe o “vale cultura”, em 2011, e Galeno Amorin, na FBN, retoma o PNLL e se empenha na construção de 25 mil bibliotecas populares.

Inclusão digital e a leitura

1.

Tem-se falado muito de “inclusão digital”. O Ministério da Comunicação (GESAG) informa que já existem 13.379 “telecentros” implantados em todo país, em 5.564 municípios. Eles podem ter o papel que as bibliotecas convencionais deveriam ter tido. Nesse contexto, os “promotores de inclusão digital” deveriam ser encarados como irmãos gêmeos dos recentes “agentes de leitura” ou “agentes de cultura”. Os telecentros ofereceram 6.200 kits do MC às prefeituras. O telefone portátil, o Ipad, o Google são uma realidade. Os 200 milhões de telefones portáteis são 200 milhões de bibliotecas em potencial à espera de nossa criatividade. Assim como um viajante do século XVIII tinha uma maleta de viagem em que carregava algumas dezenas de livros para ler, hoje pela internet todos podem ter uma biblioteca em suas mãos, seja nas margens do Tocantins ou na coxilas do Sul.

2.

Se não conseguimos em 500 anos colocar uma biblioteca em cada canto do país, por outro lado, cada cidadão hoje está se convertendo, à revelia de nossa incompetência histórica, em um “consumidor” de informação através da informática, do Google, da internet. Se temos apenas 2.600 livrarias e 2.500 cinemas, é bom que nos espantemos e nos rejubilemos com o fato de que temos 109.000 *lan houses*; e que uma favela como a da Rocinha (que tem apenas uma biblioteca heroicamente contruída e seguramente não tem nenhuma livraria) conta, por outro lado, com 200 *lan houses*.

O que não foi feito em 500 anos, hoje, graças ao universo digital, pode constituir-se em uma conquista rápida e numa reparação. Isto não significa que não se construam bibliotecas e não se comprem livros, apenas que há meios de acelerar o consumo de livros e promover a leitura.

Mas aqui se torna irrecusável contar uma história verdadeira que narrei na recente Jornada Literária de Passo Fundo (agosto/2011) quando Alberto Manguel e Kate Wilson debatiam equivocadamente sobre esse tema. Diz-se que o Marechal Rondon, no princípio do século passado, foi designado para conquistar grande parte do território brasileiro levando a comunicação através de postes e fios que conduziam mensagens telegráficas. Depois de ter instalado praticamente em todo o país esse sistema de comunicação, ao colocar o último poste na fronteira com a Bolívia, foi surpreendido com a notícia de que Marconi havia acabado de descobrir o telégrafo sem fio.

Cem anos depois, a situação se repete. Conseguiremos fazer na era do livro eletrônico o que não conseguimos fazer na era do livro impresso?

3.

O Brasil está vivenciando três fatos novos:

* Em primeiro lugar, a invasão da eletrônica em nossa vida cotidiana, nos jogando em outra era.

* Em segundo lugar, o surgimento de outras gerações chamadas de X, Y e Z pelos especialistas em *marketing*: jovens que vivem zapeando. São “dispersivos”, fazem várias coisas ao mesmo tempo, não têm o sentido de concentração unidirecional que era a nossa. Nós os achamos superficiais. Mas, e se estivermos realmente diante de um fenômeno de mutação não exatamente genética, mas cultural? Um daqueles momentos de “point of no return” que remete para a metáfora que McLuhan usou: a lagarta assustada olhando uma borboleta em seu esplendor, dizia: eu nunca me transformarei num monstro daqueles...

* Em terceiro lugar, a emergência das classes C, D e E, que até agora estavam fora do mercado, da comunicação e da cultura livresca. A todo

instante nos dizem de estratégias de *marketing* à procura desses novos “índios” que a sociedade de consumo quer incorporar, catequizando-os com o “evangelho” da sociedade do espetáculo. Os meios de comunicação certamente se preocupam com isto. Mas Fabio Mariano, da ESPM, afirma que os jornais não conseguiram chegar a 60% das classes C, D e E, constituída por pessoas com menos de 30 anos. “Os jornais brasileiros não entendem essa classe C, estão distantes. Quando a gente fala de classe C, falamos de um século de exclusão, sem saúde, sem saber o que é política”.

Some-se a isto o fato de haver hoje 200 milhões de celulares. São 200 milhões de bibliotecas volantes à espera de nossa criatividade. Um jovem na margem esquerda de um afluente do Amazonas pode ter, de graça, acesso aos clássicos brasileiros e estrangeiros sem precisar sair de casa.

Lembremos: o aprendizado já foi oral; o essencial era o uso da memória. Com a evolução, o saber passou a ser escrito. Hoje, retorna e passa pelo visual. Ou se pode dizer: o aprendizado é oral, é escrito e também visual. O oral, o escrito e o visual se complementam.

O livro está se metamorfoseando. O leitor também tem que se metamorfosear. Como têm que se modificar o editor, o livreiro, o jornalista, o publicitário e todo o sistema da escrita e de representação simbólica. De uma certa maneira somos todos neoanalfabetos.

4.

Quero dizer que os “leitores virtuais” se adiantaram. A indústria fonográfica está caçando avidamente seu público, as lojas virtuais estão pululando. Por que a indústria da produção do livro tarda tanto em descobrir a indústria da leitura? Por que disputar os mesmos minguados leitores entulhando toneladas de livros que serão rapidamente destruídos antes de serem lidos?

É como se os habitantes da Somália e da Etiópia, famintos, tivessem que assistir, no seu acampamento de refugiados, a alguns se banquetear e jogando comida na lata de lixo enquanto eles morrem à míngua.

E o Brasil nisto?

1.

Fomos envolvidos por uma tsumani. Só que a onda (terceira, quarta, quinta?) envolve todo mundo, dá volta ao Globo e causa modificações de acordo com a natureza ou acidentes geográficos e culturais de cada região.

Em tempos de feroz globalização, é bom lembrar que a antropofagia é própria dos seres vivos, e que Darwin tem razão ao falar da seleção das

espécies. Temo, porém, que as espécies mais ferozes, não necessariamente as mais inteligentes, sobrevivam.

Quando me refiro à leitura, estou me referindo também à liberdade. A verdadeira leitura liberta e problematiza a própria leitura e a própria liberdade. O livro em si, ou a leitura fanática de uma única obra ou pensamento, não amadurecem o indivíduo e a sociedade. Há sociedades que deram o livro ao povo mas não deram liberdade de pensamento. Quando estive na Rússia, exatamente na semana em que o comunismo acabou, há 20 anos, naquele mês de agosto de 1991, reuni-me com editores soviéticos e soube para meu espanto que tinham mais de 200 mil bibliotecas. E nem por isso... Também as edições dos autores oficiais do partido, mesmo poesia, chegavam a milhões de exemplares. E nem por isso...

2.

Em algumas ocasiões tenho dito que provavelmente somos a última geração letrada. Gostaria de estar equivocado, que o futuro me desmentisse. Ou que descobrisse, descobríssemos, formas novas de ler. Se olharmos a história do Brasil podemos detectar três momentos culturais e econômicos relevantes que nos forçam a uma decisão crucial no presente:

A febre do ouro e das pedras preciosas ocorreu aqui quando éramos colônia e essa riqueza escoou para os cofres dos dominadores. Isto foi diferente do que sucedeu com os Estados Unidos, país que já era independente quando a “corrida do ouro” iniciou-se na costa leste.

Tendo perdido essa chance, perdemos também a chance da revolução industrial nos séculos XVIII e XIX, porque aqui predominavam a escravidão e a cultura agrária, e a coroa brasileira era apenas cliente dos produtos industrializados europeus.

Estamos diante da revolução digital. Se perdemos as duas revoluções anteriores, hoje há algumas coincidências: a revolução digital chega com a avassaladora globalização, no momento em que o Brasil autossuficiente de petróleo incorpora outras classes e descobre o pré-sal.

3.

Repito, para terminar: o verdadeiro pré-sal é a cultura e/ou a leitura. Os animais, os peixes, as árvores e até as bactérias leem constantemente o mundo antes de tomarem qualquer decisão. Por que o ser humano insiste em andar às cegas no universo da comunicação?

Anexo

No Seminário Nacional de Mediadores de Leitura, realizado em São Paulo em 2010, e que reuniu autoridades do MEC, MINC e de outros ministérios, me foi pedido que redigisse o seguinte documento aprovado pelos colegas:

Carta do Seminário Nacional de Mediadores de Leitura

Os abaixo assinados, escritores, professores, contadores de histórias, bibliotecários, membros de entidades ligadas à promoção da leitura, e representantes de vários ministérios, presentes no Seminário Nacional de Mediadores da Leitura, realizado em São Paulo de 12 a 13 de março, discutindo questões relativas à realidade brasileira achamos por bem encaminhar às autoridades competentes as seguintes considerações:

Nas últimas décadas, a questão da leitura como instrumento de desenvolvimento não apenas pessoal, mas econômico e social, tornou-se de tal modo evidente que vários países incrementaram estratégias para debelar tanto o analfabetismo quanto o analfabetismo funcional.

No Brasil, também nas últimas décadas foram criados inúmeros programas de promoção da leitura, que têm modificado a vida de milhares de pessoas no campo e nas cidades. A leitura deixou de ser uma preocupação apenas escolar e transformou-se em instrumento de cidadania e inclusão social, sendo um agente eficaz na prevenção ao crime e à miséria;

É possível realizar, e já existem, programas de leitura em quartéis, hospitais, presídios e comunidades marginalizadas. Seja entre camponeses, quilombolas e indígenas, e em muitas cidades, é possível se institucionalizar o 'agente de cultura', como quem vai topicamente desencadear ações modificadoras em todo o país;

Assim como o governo entende que a estabilidade do valor da moeda é uma questão de estado que transcende os governos passageiros, a leitura é a moeda, é o valor que credencia o indivíduo a ser um cidadão permitindo ao país se desenvolver. Com efeito, na modernidade, não existe nenhum país próspero que não tenha passado pela revolução silenciosa do livro e da leitura. E a leitura, como gesto de comunicação, tornou-se a chave para o ingresso no século 21.

Chegou, por isto, o momento em que essa malha de manifestações existentes, pelo seu natural amadurecimento, requer uma outra dimensão na sua estratégia e na sua execução. É fundamental e recomendável que, reconhecendo a importância dessa questão, a promoção da leitura deixe de ser apenas uma preocupação do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação, para se transformar também numa ação interministerial priorizada pela Presidência da República.

Anexo 2

“Monteiro Lobato: a recriação do livro no Brasil”, de Apostolo Neto, in *Revista Espaçoacadêmico*, n. 28, set de 2003, citando Edgar Cavalheiro: “É quando surge Monteiro Lobato. Tendo impresso por sua conta, nas oficinas d’*O Estado de S. Paulo*, mil exemplares de *Urupês*, verificara, ao ter os volumes prontos para venda, que em todo o território nacional existiam somente trinta e poucas casas capazes de receber o livro. Não era possível, por tão poucos canais, o escoamento daquilo que se lhe afigurava um despropósito de volumes. Dirige-se, então, ao Departamento dos Correios, solicita uma agenda e constata a existência de mil e tantas agências postais espalhadas pelo Brasil. Escreve delicada carta-circular a cada agente, pedindo a indicação de firmas ou casas que pudessem receber certa mercadoria chamada ‘livro’. Com surpresa recebe respostas de quase todas as localidades. De posse de nomes e endereços assim obtidos, procura entrar em contacto com os possíveis clientes, escrevendo-lhes longa circular, portadora de original proposta: ‘Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada livro? V. S^a não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. E como V. S^a receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais ‘livros’, terá uma comissão de 30%; se não vendê-los, no-los devolverá pelo Correio, com porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa’.

Segundo Edgar Cavalheiro, o expediente lobatiano funciona perfeitamente, pois: “Quase todos toparam, e Lobato passou dos trinta e poucos vendedores anteriores, que eram as livrarias, para mil e tantos postos de vendas, entre os quais havia lojas de ferragens, farmácias, bazares, bancas de jornal, papelarias. O comércio de livros, que modorravam numa rotina galega, ganha impulso insuspeitado. As edições, que antes não ultrapassavam 400 ou 500 exemplares, e assim mesmo muito esparçadas, pulam imediatamente para três mil exemplares, e começam a surgir quatro, cinco, seis e até mais livros por mês”.